

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº152 - JUNHO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME X

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

152



FLÁVIO DUTKA

**M. BLANCHOT & M. FAUSTINO: AS DOBRAS
DO DIÁLOGO**

Nilson Oliveira



Em quanto existiu, Mário Faustino foi inteiramente dedicado à vivência literária; ativo e incansável se lançou na literatura em um vôo sem volta. Desde muito cedo, Mário estabelece com a literatura uma rede de investigações tendo a poesia e crítica literária como zonas de maior atenção. O estudo, as pesquisas, as traduções; suas inquietas movimentações pela busca do espaço literário: do interior ao estrangeiro, da província ao centro dos acontecimentos. Após uma temporada nos EUA, em dois distintos momentos (um como vencedor de uma bolsa de estudos -língua e literatura inglesas- em concurso do Institute of International Education, outro como funcionário da ONU), assumiu, no Brasil, uma postura de grande relevância, através de uma produção crítico-poética, sobretudo no período (1956-1959) no jornal do Brasil. Mário dirigiu e organizou por três anos no suplemento dominical do J.B a página POESIA-EXPERIÊNCIA, que pretendia movimentar a poesia e tirar do ostracismo a crítica e o pensamento literário brasileiro. Sua atividade literária se iniciou pelo jornalismo, se estendeu à poesia, a tradução e a um conjunto de apontamentos em torno da escrita e do fazer literário. Afora O HOMEM E SUA HORA (1952) publicou grande parte da sua escrita em revistas e jornais, ora como redator, ora como colunista e por vezes como colaborador. Tal como Mário Faustino, Maurice Blanchot se iniciou na escrita pelos tablóides franceses. Jornalista político e jovem intelectual de tipo aristocrático, foi monarquista e, mais tarde, passou direita conservadora. É provável que, nos jornais dos quais foi colaborador, tenha expressado posições reacionárias. – Segundo Derrida, foi durante a guerra que ele tomou consciência do horror que o anti-semitismo e o fascismo representam. Shoá, o Holocausto, a experiência da "barbárie" sem limites exerceu um papel determinante nessa "conversão", bem como no encontro com alguns pensadores, como George Bataille, Marguerite Duras e com o Maurice Naudeau. Outrossim, aproximou-se do marxismo, sobre o qual proferiu algumas análises, e ainda do partido comunista francês. Blanchot foi condenado à morte por atividades na resistência, enfrentou um pelotão de fuzilamento que, no último momento, não disparou... Esta experiência (a mesma de Dostoiévsky), e que ele contou em *L'Instant de ma Mort* (1994), foi certamente decisiva como ponto de ruptura na vida de Blanchot e maculou toda a sua obra. Mário Faustino por circunstâncias outras também teve uma estreita proximidade com a morte, uma proximidade além de si, por fora do acontecimento, à espreita, como uma ameaça que aos pouco se presentifica nas dobras da sua escrita, *sinto que o mês presente me assassina*; uma experiência travada na solidão do escrever, no desdobrar da obra. Maurice Blanchot antecede, em matéria de escrita, Mário Faustino em três décadas. Quando Mário chegou a Belém (1947) Blanchot já inquietava com seu *Thomas o Obscuro* e, sobretudo havia se lançado em seu universo de crítica e escritura. Mas onde então se encontram essas duas figuras. Não se encontram. Não se comunicam. O canal de comunicação de um e de outro está atravessado por outras linhas de pensamento e conectado em outras constelações. Blanchot submerso nas suas obsessões sobre a morte do autor*, a escrita como totalidade da obra, as investigações sobre Espaço Literário e Mário embarcando para EUA, para o estudo, o exílio e enterrado nas pesquisas sobre o método eficiente para pensar a literatura. Mário Não vai disperso, leva consigo algumas pistas arrancadas de pesquisa preliminares e das conversas com Francisco Paulo Mendes e outros

que interagiam um ativo ciclo de leituras. Desses ciclos traz entre muitos o nome de Ezra Pound. Na solidão do exílio Mário Mergulha no encaixe de Pound e dele extrai alicerce para formação do seu pensamento crítico e de sua linhagem poética. O método de Pound consiste: no exame cuidadoso e direto do texto, no contínuo deslocamento aos textos do passado, no olhar veloz aos textos do presente e na argumentação centrada e respaldada pelo texto. Faustino examina e estuda atentamente o programa de Pound; na sua vizinhança se aproxima de autores com Dylan Thomas, T.S Eliot, Hart Crane, Cummings. De volta a Belém conhece o poeta Americano Robert Stock que reitera alguma das suas posições e renova seu acervo com leituras e traduções de Keats, Blake Hopkins, Auden. Mas e Blanchot, Mário Faustino não leu Blanchot e é provável que nem soubesse da sua existência. Mas onde se comunicam? Onde se abre o diálogo ?

Em 56 Mário inicia no suplemento literário do J.B a página POESIA – EXPERIÊNCIA que seria seu instrumento de intervenção no espaço literário; a página se ramificava em seis sessões: **O Melhor do Português** (no qual transitavam clássicos e jovens autores Brasileiros), **É Preciso Conhecer** (divulgava e comentava escritores estrangeiros modernos) **Clássicos Vivos** (vinculava autores clássicos de diversas nacionalidade) **Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea** (textos teóricos de diversos autores, Pound, Auden, Eliot, sobre o universo da poesia), **Evolução da Poesia Brasileira**(funcionava como um radar que acompanhava os movimentos, rupturas e avanços da poesia Brasileira) e **Diálogos de Oficina** (um diálogo imaginário que transcorre por diversas problemáticas do pensamento literário). Nas páginas de Poesia Experiência Mário objetiva: oferecer um panorama do que havia de melhor nas diferentes formas de linguagem poética, fazer uma leitura crítica sobre essas manifestações, ativar os bons textos do passado e dar movimento à escrita do presente. Ou seja, a aplicação do método de Pound).

O diálogo entre Faustino e Blanchot se abre nas dobras do imaginário. Não há lugar nem tempo fixo para o seu acontecimento; Tampouco a necessidade de um encontrar. Mas acontece. Acontece e se cruza pela leitura da obra dos autores que lhes foram comuns e, sobretudo por valerem-se do recurso do diálogo para encontrar e pensar esses autores. O diálogo acontece e se documenta pela escrita na obra de cada um. **Em A Conversa Infinita** de M.B e **Em Diálogos de Oficina** de M.F Faustino e Blanchot Mantiveram-se em diálogo constante com a escrita literária, canônica e não canônica em autores da antiguidade e da contemporaneidade; pensar esses autores para eles era parte de uma compreensão indispensável do espaço literário.

Mário em seus Diálogos de Oficina, logo nas primeiras linhas, assim o inicia: dois poetas trabalham na oficina que compartilham. Nas horas de trégua, quando guardam fatigados o silêncio, discutem seu ofício. Não pretendem dizer-se novidade, nem um ao outro expor-se à admiração; querem somente esclarecer, fixar e trocar experiências .

o diálogo se estende por muitos dias; por ele passam questões cruciais do pensamento literário. Por vezes o diálogo “esquece” Pound e seu método ideogramático e naufraga no espaço aberto do próprio diálogo; não há nada a advertir, não há nada a enunciar, só o diálogo em sua velocidade de quase ficção; por vezes silencia. Não fala e não define. Apenas Silencia. Vai aos poucos retomando fôlego e recomeça num movimento de eterno recomeço. Fala de Rilke, Joyce, Mallarmé e Launtréamont, sobre a escrita, o escrever, e o pensamento. Mário encontra na sombra desses autores a voz precária de Blanchot, não ouve, não vê.

Mas, por entre a escrita desses autores, encontra a sombra de uma outra fala. É a fala de Maurice Blanchot, a voz de Blanchot parece precária, é quase inaudível, mas, não se interrompe, se estende em uma CONVERSA INFINITA. Nas primeiras linhas dessa conversa nos diz: *Aqui, no mundo simples da fala e da necessidade, as palavras são votadas ao essencial, atraídas unicamente pelo essencial e pelo monótono, mas também demasiado atentas ao que é preciso dizer para evitar formulações brutais que poriam fim em tudo. É que se trata de um diálogo. Quão raro é o diálogo, apercebemos-nos disso ante a surpresa que este fez nascer em nós em presença de um acontecimento inabitual, quase mais doloroso que maravilhoso.*

Nessa conversa, utilizando-se da reflexão filosófica, manifesta diálogos à maneira dos antigos filósofos. Blanchot intenciona minar a literatura para livrá-la de suas idéias restritivas, visando uma escrita que sugere como sendo "fora do discurso, fora da linguagem". Assim, tudo que remeta a uma idealização e, conseqüentemente, a uma restrição à livre criação, propõe-se a ser questionado, a começar pelas idéias de Deus, do Eu, do Sujeito, da Verdade, do Uno, da própria idéia do Livro e da Obra, a tal ponto que essa escrita, antes mesmo de ter o Livro como meta, assinale seu próprio fim.

Seu pensamento, assim, quer ser questionador a tal ponto que "é possível que escrever exija o abandono de todos esses princípios, ou seja, o fim e também a conclusão de tudo o que garante a nossa cultura, não para voltar idilicamente atrás, mas, antes, para ir além, ou seja, até o limite, com o objetivo de tentar romper o círculo de todos os círculos: a totalidade dos conceitos que funda a história, nela se desenvolve e da qual ela é o desenvolvimento". Estendendo esse pensamento para levar às últimas conseqüências a prática artística; diz Blanchot que "escrever, então, passa a ser uma responsabilidade terrível. Invisivelmente, a escrita é convocada a desfazer o discurso no qual, por mais infelizes que nos acreditemos, mantemo-nos, nós que dele dispomos, confortavelmente instalados. Escrever, desse ponto de vista, é a maior violência que existe, pois transgride a Lei, toda lei e sua própria lei".

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Não sou nenhum gigante,
nenhuma máquina,
nenhum cérebro piscante
de euforia e gênio,
nenhuma árvore milenar e sábia,
uma mulher nua sobre cama suja,
uma ferida aberta no corpo de um santo,
uma reta, uma circunferência,
uma certeza cega de que é tudo assim,
não sou nenhuma música
nem silêncio posso ser ainda.
Estou dançando
e é tudo terrível
porque parece real e simples
e diante disso
gira o olho
do vazio.*

CARLOS MOREIRA